



**ATA DA SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DA
ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE VISEU,
REALIZADA NO DIA VINTE E CINCO DE
ABRIL DE DOIS MIL E VINTE E QUATRO**

----- No dia vinte e cinco de abril de dois mil e vinte e quatro, teve lugar no Teatro Viriato em Viseu a Sessão Extraordinária da Assembleia Municipal de Viseu, Comemorativa do 50º Aniversário do 25 de Abril, a qual foi presidida pelo Senhor José Manuel Henriques Mota de Faria Presidente da Mesa Assembleia Municipal, secretariado pela Senhora Cristina Paula Cunha Pereira Gomes como Primeira Secretária e pela Senhora Isabel Cristina Bento Fernandes como Segunda Secretária. -----
A Sessão teve início às onze horas, tendo-se verificado as seguintes faltas: -----
A Senhora Deputada Municipal Amélia Maria da Silva Soares (justificada); -----
O Senhor Deputado Municipal Hugo Daniel Alves Martins de Carvalho (injustificada); ---
O Senhor Deputado Municipal Mauro Leandro Matos Pinto (injustificada); -----
O Senhor Presidente da Junta de Freguesia de Abraveses Rui Pedro Oliveira de Almeida (injustificada); -----
O Senhor Presidente da Junta de Freguesia de Fragosela António de Almeida Jesus Lopes (injustificada); -----
O Senhor Presidente da Junta de Freguesia de Povolide José Manuel de Almeida Fernandes (injustificada) -----
----- **MESA – O SENHOR PRESIDENTE DA MESA:** Bom dia a Todos. -----
Cumprimentava o Senhor Presidente da Câmara Dr. Fernando Ruas; -----
Um cumprimento especial aos nossos “Capitães de Abril”, aqui presentes: -----
– O Tenente-General Ferreira do Amaral; -----
– O Tenente-Coronel Amândio Augusto. -----
O Coronel Aprígio Ramalho informou que não pode estar presente, tem as comemorações em Lisboa. -----
– E, também recordava o nosso Coronel Arnaldo Costeira e o Coronel Gertrudes da Silva já falecidos. -----
Cumprimentava a Senhora Juiz Presidente da Comarca de Viseu, Dra. Isabel Emídio; -----
Cumprimentava o Senhor Vice-Presidente e os Senhores Vereadores do Executivo Camarário; -----
Cumprimentava os Senhores Membros da Assembleia Municipal; -----
Cumprimentava os Senhores Presidentes de Junta de Freguesia; -----
Em representação do Senhor Bispo de Viseu, cumprimentava o Senhor Vigário-Geral da Diocese - Cónego Carlos Martins Casal; -----
Cumprimentava o Senhor Comandante do Regimento de Infantaria nº14 - Coronel Falcão Escorrega; -----
Cumprimentava o Senhor Comandante da PSP - Superintendente Nuno Dinis; -----
Cumprimentava o Senhor Comandante da GNR – Tenente-Coronel Adriano Resende; ----
Cumprimentava o Diretor do CAS Viseu – Coronel Lúcio Campos; -----
Cumprimentava também Senhor João Gonçalves da Direção da Associação dos Deficientes das Forças Armadas e também como membro da Comissão Executiva das Comemorações; -----
Cumprimentava todas Autoridades Cíveis e de Segurança; -----
Cumprimentava todos os convidados e os ex-membros do Executivo Camarário, das Juntas de Freguesia e da Assembleia Municipal; -----
Minhas Senhoras e Meus Senhores. -----



A Sessão foi convocada com carácter extraordinário para que seja assinalado o 50º (quingentésimo) aniversário do 25 de abril, com um ponto único da ordem de trabalhos. -- A decisão para a sua convocação resultou do consenso de todos os grupos municipais, bem como a integração da conferência e respetivo convite. -----

As comemorações do quingentésimo (50º) aniversário do 25 de abril de 74 pela sua importância e também pelo seu significado, requeriam neste ano, um programa diferente, que não ficasse restrito só a esta sessão, e por isso se prolongasse durante todo o ano de 2024. -----

Assim, a Câmara Municipal e a Assembleia Municipal entenderam constituir uma Comissão Executiva das Comemorações, da qual fazem parte os Capitães de Abril, os Partidos Políticos, o Regimento de Infantaria 14, a Associação dos Deficientes das Forças Armadas e também da Liga dos Combatentes. -----

Foi desenvolvido um Programa, amplamente divulgado, que teve ontem um momento alto, com o concerto da banda - “Os Quatro e Meia” e o desfile de uma coluna militar do RI 14, recordando o contributo que o RI 14 e também os “capitães de abril”, tiveram para a Revolução dos Cravos. Eu não podia deixar aqui de dizer aquilo que eu senti ontem. Eu senti ontem uma grande respeitabilidade por todos, um grande significado de Liberdade e de Democracia por aquele silêncio que houve e a respeitabilidade perante as Forças Armadas. Houve um silêncio que não é normal num concerto, a forma como o sentido cívico com que as pessoas estiveram ali, foi algo que não poderia... é um significado profundo que afinal a Democracia e a Liberdade é sentida por toda a gente, e principalmente e às vezes duvida-se que aos jovens já não viveram o 25 de abril. Não! Eles sentem o que é a Liberdade e o que é a Democracia, e ontem tivemos talvez um dos melhores exemplos da vivência do 25 de abril em termos de a quase 25 mil pessoas, e por isso, é nesse aspeto também que queria realçar esta situação. -----

Por outro lado, é justo aqui também realçar quer a receptividade quer o empenho do Executivo Camarário, em especial do Senhor Presidente da Câmara Dr. Fernando Ruas pela definição e concretização deste Programa. -----

Agradecemos também a colaboração dos membros da Comissão Executiva e do CAEV/Teatro Viriato pelo apoio dado à realização desta sessão. -----

Apesar de se tratar de uma sessão algo diferente, temos, no entanto, que cumprir algumas questões regimentais, pelo que apelo à vossa compreensão. -----

Informava também que todos os pedidos de substituição dos Membros da Assembleia Municipal, bem como as indicações de substituição comunicadas pelos Presidentes de Junta, foram tidos em consideração na composição desta sessão, nos termos legais. -----

Quanto ao alinhamento dos trabalhos, informa-se que irão intervir os representantes dos Partidos Políticos, seguindo-se a conferência por parte da personalidade convidada, e as intervenções dos Presidentes da Câmara e da Assembleia Municipal. -----

Por isso, vai usar da palavra a representante do Partido do Bloco de Esquerda (BE) – Deputada Carolina Gomes. -----

----- **UM – A SENHORA DEPUTADA ANA CAROLINA DAMAS GOMES (BE):**

Bom dia. -----

Senhor Presidente da Assembleia Municipal; -----

Senhoras Secretárias; -----

Senhor Presidente da Câmara Municipal; -----

Senhoras e Senhores Deputados Municipais; -----

Senhoras e Senhores Vereadores; -----

Senhora e Senhores Presidentes de Junta; -----

Autoridades Cívicas e Militares presentes; -----

Comunicação Social; -----

Público. -----

Saúdo todas as pessoas aqui presentes. -----



Com um especial cumprimento para a casa que nos acolhe, este lugar de cultura. -----
Saúdo e exalto ainda todas e todos aqueles que se envolveram na luta contra o fascismo e a
ditadura do Estado Novo e se empenharam pela democracia social e laboral e pela
implementação de um Estado Social. -----
Que este seja para todas as pessoas um quinquagésimo dia-lindo, de muitos outros por vir.
50 anos desse dia que definiu -----
o conceito de liberdade -----
sou herdeira das memórias -----
desse existir livre -----
da possibilidade de libertar -----
a família da miséria -----
da pobreza -----
dada por congénita -----
sou a primeira da família a estudar além -----
da quarta classe -----
ou do segundo ano -----
sou mulher não SERIA – assim -----
sem o dia de hoje -----
há 50 anos -----
hoje o dia é festa -----
- sem dúvida - -----
mas é lembrança: -----
nada é garantido! -----
e o 25 de Abril ainda não acabou -----
não é uma efeméride -----
gravada na história -----
é a seiva -----
com que se escreve a história -----
dos dias de hoje -----
está em pleno efeito -----
está por totalizar -----
é para defender -----
é para não deixar recuar -----
é um sonho para tornar real -----
em permanência -----
Abril não tem donos -----
tenho ouvido várias vozes dizer. -----
não tem. -----
donos só os que se sugam isto tudo -----
Batendo as asas pela noite calada -----
Vindo em bandos com pés veludo -----
o Abril? -----
o Abril -----
:é de todas as pessoas -----
:é nosso -----
nós que somos a memória viva do passado -----
e os corpos que fazem o amanhã -----
como foi dos que deram a vida -----
e das vidas que foram roubadas. -----
Abril é também o fim da guerra colonial -----
e do colonialismo territorializado -----
que se vai desfazendo lentamente nas memórias -----

Abril foi o 25 de 1974 -----
o 25 de 1975 -----
o nosso contrato coletivo: -----
“A Assembleia Constituinte afirma a decisão do povo português de defender a independência nacional, de garantir os direitos fundamentais dos cidadãos, de estabelecer os princípios basilares da democracia, de assegurar o primado do Estado de Direito democrático e de abrir caminho para uma sociedade socialista, no respeito da vontade do povo português, tendo em vista a construção de um país mais livre, mais justo e mais fraterno.” -----
Abril são conquistas -----
e o prólogo de um horizonte-possível -----
- saúde que cuida o viver de todas as gentes -----
- educação que arma todos os espíritos -----
- direitos para quem dá a força ao trabalho -----
- justiça social e livre existir -----
- democracia e poder popular -----
- habitação (ainda) por realizar -----
- cultura que rasga -----
através das linhas azuis da censura -----
nascem palavras de liberdade -----
Por isso quando -----
o ar fica pesado – mesmo hoje -----
quando mãos antigas – ainda hoje -----
se arrastam da invisibilidade -----
para agrilhoar os pulsos de quem vai à luta -----
dizemos Abril -----
a cumprir-se -----
em permanência -----
fazemo-nos -----
Celeste Caeiro -----
a plantar -----
esperança em tom -----
vermelho-símbolo -----
com uma força -----
que não para de crescer-nos -----
nos dedos -----
afastamos as sombras com a poesia -----
a palavra -----
a alegria -----
a rua -----
e as canções -----
sempre a rua -----
sempre as canções -----
que cantaram -----
a possibilidade -----
que escreveram -----
o princípio -----
e em seguida infinito -----
de uma -----
Liberdade libertada -----
por isso hoje -----
pelos 50 anos -----
de um sonho lindo -----

quase acabado -----
por mais 50 -----
dias-quase -----
anos-cumpridos -----
séculos de infinito -----
VIVA O 25 DE ABRIL! -----
---- MESA – O SENHOR PRESIDENTE DA MESA: Não estando presente o
representante do Partido CHEGA dava a palavra ao representante do Partido Socialista. -
---- DOIS – A SENHORA DEPUTADA LÚCIA FERNANDA FERREIRA ARAÚJO DA
SILVA (PS): Excelentíssimo Senhor Presidente da Assembleia Municipal; -----
Senhoras Secretárias da Assembleia Municipal; -----
Excelentíssimo Senhor Presidente da Câmara; -----
Senhoras e Senhores Vereadores; -----
Senhores Presidentes de Junta; -----
Senhora Presidente de Junta; -----
Excelentíssimo Senhor General Ferreira do Amaral, também na sua pessoa, cumprimento
o capitão de abril presente, e também não podemos deixar de lembrar os capitães de
abril, que pese embora, alguns já não estejam entre nós, honremos a sua memória; -----
Senhor Vigário Geral em representação do Sr. Bispo D. Luciano e na sua pessoa
cumprimento todas as entidades religiosas; -----
Senhor Comandante do RI 14; -----
Senhores comandantes da PSP e GNR; -----
Entidades civis e militares; -----
Caras e Caros Convidados; -----
Senhoras e Senhores Jornalistas; -----
Caros funcionários da Assembleia Municipal; -----
Viseenses. -----
Hoje, completam-se 50 anos de democracia, 50 anos de liberdade, “o dia inicial inteiro e
limpo” tal como dizia Sophia. -----
Antes do 25 de Abril, «foram 17 499 dias de privação da liberdade, em que vivemos a mais
longa ditadura da Europa durante o século XX, que nos afastou da Europa, com um
emblemático orgulho de ficarmos a salvo da 2ª guerra mundial, mas sofrendo na pele as
consequências mais nefastas do afastamento e da miséria, depois de uma guerra, cujas
consequências morais e físicas ainda hoje são bem visíveis. -----
Foram 17 499 dias em que a ditadura parecia eterna e a liberdade um mero sonho, um
sonho sempre adiado, mas nunca abandonado». -----
E, tal como Manuel Alegre na sua poesia o preconizava: -----
Mesmo na noite mais triste -----
em tempo de servidão -----
há sempre alguém que resiste -----
há sempre alguém que diz não. -----
Mas, recordemos também “as mulheres que viveram pela liberdade tantas vezes
esquecidas pela história, mas que estiveram sempre lá”, dando como
exemplos Beatriz Ângelo, Maria Barroso, entre tantas outras. -----
Recordemos homens como Mário Soares, um dos senadores da democracia, fundador do
Partido Socialista, do meu partido, um herói da liberdade e um europeísta convicto, mas
também não podemos esquecer outras personalidades políticas que lutaram pela
liberdade, Álvaro Cunhal, Francisco Sá Carneiro, Freitas do Amaral e, os capitães de
Abril. -----
E, aos capitães de abril, "por terdes feito o sonho acontecer", por terdes iniciado o
movimento que permitiu a Portugal construir uma democracia onde cabem todos os
portugueses, independentemente do lugar onde nasçam ou residam, e, “é em nome do meu

partido, e do nosso grupo da Assembleia Municipal, urge, hoje e sempre, dizer-vos, obrigada". -----

Hoje, ao celebrarmos abril, manifestamos a nossa vontade de fazer deste, o momento de afirmação, de rejuvenescimento e de aperfeiçoamento da democracia portuguesa, «sem perder a memória da resistência que queremos honrar, da libertação que festejamos, do muito que construímos e devemos celebrar. -----

Ao celebrarmos os 50 anos de abril, que seja sobretudo uma passagem de testemunho para as novas gerações que continuarão e renovarão a nossa democracia na aspiração a um futuro que realize o que ainda falta realizar». -----

E, para quem não se lembra – e hoje é um bom dia para lembrar – o Movimento das Forças Armadas traçou três objetivos à Revolução dos Cravos: Democratizar, Descolonizar e Desenvolver. -----

A Descolonização está nos livros de história, com os seus tropeções e equívocos. -----

Um dia, esperemos que as gerações que por ela não passaram, conseguirão reencontrar na pátria da língua e da cultura mais o que as una do que, o que as separe. -----

O segundo D - Democracia e liberdade são sempre obras inacabadas e nunca estão imunes a ameaças». -----

«a liberdade, com todas as suas responsabilidades e consequências, é o grande fundamento da dignidade humana. -----

É a liberdade que nos garante o pensamento criador, a crítica independente, a diversidade plural, a convivência tolerante». -----

«É com a liberdade que a democracia se renova, que a política se corrige, que a economia se desenvolve, que a sociedade se abre, que a cultura se cria, que a ciência progride e que a paz se constrói». -----

E, por último, o D - de desenvolvimento de um País, que, tal como a Democracia – são tarefas permanentes, em bom rigor nunca terminam, e, pese embora haja, quem tente impor uma narrativa catastrófica de que tudo está mal, que o país está num estado deplorável, que tudo é péssimo e nunca esteve tão mal, a realidade teima em desmentir tais teses catastrofistas, que tanto jeito dão a quem vive e se alimenta do caos, ou da perceção dele. -----

Antes do 25 de Abril, as condições das casas eram preocupantes, em 1970 mais de metade dos portugueses não tinham água canalizada em casa, duche ou banheira e um terço não tinha sequer eletricidade, algo impensável hoje em dia. Nos Censos de 2021, a estatística já nem foi registada. -----

Antes de 1974 eram cerca de 1,8 milhões de analfabetos, e dois terços deles eram do sexo feminino. 50 anos após, temos mais de 90% dos nossos jovens a frequentar o ensino secundário, o mesmo para o Ensino Superior, que pese embora os dados só começam em 1978, mas nesse ano frequentavam universidades pouco mais de 80 mil alunos, atualmente são quase 450 mil e mais de metade dos doutorados são mulheres. Em 1974, elas eram cerca de 10%. -----

A mortalidade infantil caiu do triplo da média europeia para um valor abaixo dessa média. As pessoas vivem em média mais 14 anos e com maior qualidade de vida. Portugal aproximou-se da esperança de vida de outros países da Europa. -----

Temos mais médicos. Mais professores. Mais polícias. Melhor rede viária. Temos um Serviço Nacional de Saúde que funciona, 50 anos de 25 de Abril, 45 anos de SNS, pese embora nem sempre como o desejável, mas existe, e é de nós todos e a todos nos protege nos momentos de maior vulnerabilidade. Temos um sistema de Segurança Social imperfeito. Mas temo-lo. As reformas são baixas? Sim, mas acodem a todos, e não só a alguns. -----

Em 50 anos de abril acertámos em muito e falhámos também. Mas este País já não é aquele. Nunca ninguém disse que cumprir Abril era tarefa só dos nossos pais e avós. Não é. Onde eles falharam teremos de ser nós a acertar. A responsabilidade é nossa. E dos

nossos filhos e das nossas filhas. -----
Com a Revolução de Abril o povo português conquistou a liberdade, a democracia, um amplo conjunto de direitos políticos, cívicos e laborais, necessários e imprescindíveis ao progresso do país e à melhoria das condições de vida da generalidade dos portugueses. Com a Revolução de Abril, pela primeira vez na nossa história, o “nosso povo conheceu o sufrágio universal e eleições livres. Pela primeira vez, as mulheres foram reconhecidas como cidadãs, passaram a poder votar, independentemente da sua instrução ou condição, passaram a ter acesso a todas as profissões, a possuir passaporte, a ausentar-se para o estrangeiro sem autorização dos maridos, garantiram o direito de não ver a sua correspondência violada pelos próprios maridos, constrangimentos hoje por nós considerados ridículos, mas que existiam, é bom lembrá-lo, sobretudo aos saudosos da boa moral do passado, antes do 25 de Abril”. -----
Por tudo isto, talvez não surpreenda o orgulho que sentimos por podermos afirmar que as mulheres portuguesas conquistaram em poucos anos um lugar na sociedade portuguesa. A luta pela igualdade, esse nobre princípio constitucional para que ninguém fique para trás e acabar com sofrimento humano causado por discriminações intoleráveis”, pois “as oportunidades no feminino são bem mais escassas que no masculino”. -----
“A política não serve para justificar inevitabilidades, serve para abrir caminhos”, e, a lei da paridade é um bom exemplo disso mesmo. Leis que permitem às mulheres chegar aos lugares de poder onde se decide”. -----
"As mulheres não precisam de favores, precisam sim que os seus direitos sejam cumpridos", e, a política não serve para justificar inevitabilidades, serve para abrir caminhos", certos que caminhamos todos juntos para eliminarmos desigualdades, contudo, cientes, mas desassossegados que "as oportunidades no feminino são bem mais escassas que no masculino". -----
Com a Revolução de Abril foi possível contruir a Constituição da República de 1976, que continua a cada dia que passa a dar provas de vitalidade e centralidade para a vida de todos nós. -----
É a Constituição que define as funções sociais do Estado de que decorre a existência do Serviço Nacional de Saúde, do sistema de Segurança Social e da Escola Pública. (e também do Poder Local Democrático). -----
Temos um país mais livre, mais justo, mais próximo do ideal de abril do que o país em que se fez abril. Esta constatação remete-nos de volta para os progressos ocorridos em Portugal desde o 25 de abril, nomeadamente no que diz respeito aos cuidados de saúde. Teríamos nós os indicadores de mortalidade infantil e esperança de vida de que hoje nos orgulhamos de ter, se, tal como acontecia antes do 25 de abril, não existisse Serviço Nacional de Saúde, se o acesso à informação estivesse condicionado, e se o ensino universitário apenas estivesse acessível a uma ínfima minoria da população? -----
Arriscaria afirmar que não. Estas são conquistas cujas implicações transcendem os seus impactos mais óbvios e que, em última análise, podem significar a diferença entre a vida e a morte. -----
O acesso de todos, e não apenas daqueles que podem pagar, a cuidados de saúde, a possibilidade de nos informarmos livremente, e a literacia da população são determinantes efetivos não só da qualidade de vida, mas da própria sobrevivência.! -----
Infelizmente, o caminho percorrido nestes domínios não é irreversível. -----
Quaisquer retrocessos nas políticas públicas de saúde, quaisquer restrições à liberdade de acesso à informação, e qualquer desinvestimento na escola e nas universidades públicas terão, inevitavelmente, graves consequências. -----
É, pois, desejável que não nos esqueçamos que um ataque à Democracia é também um ataque à nossa constituição, nos nossos direitos, liberdades e garantias. -----
Excelências: -----
E, para terminar, -----

O 25 de Abril libertou-nos o tempo. “O futuro deixou de reduzir-se à repetição do presente, mudar cessou de ser um verbo amofinado. -----

O futuro passou a estar em aberto, declinável em várias possibilidades de evolução e transformação. -----

E as pessoas descobriram-se sujeitos do futuro, cidadãs e cidadãos responsáveis pelas escolhas que o determinariam”. -----

Hoje, e sob o signo da liberdade, tudo se renova, construindo o futuro que o 25 de Abril nos abriu. -----

Viva o 25 de abril -----

Viva Viseu -----

Viva Portugal -----

---- MESA – O SENHOR PRESIDENTE DA MESA: Obrigado Senhora Deputada. Tem a palavra a representante do Partido Social Democrata Isabel Fernandes. -----

----- TRÊS – A SENHORA DEPUTADA ISABEL CRISTINA BENTO FERNANDES (PPD/PSD): Excelentíssimo Senhor Presidente da Assembleia Municipal de Viseu; -----

Excelentíssimo Senhor Presidente de Câmara; -----

Excelentíssimos Capitães de Abril; -----

Excelentíssimas Autoridades Cívicas e Militares presentes; -----

Senhoras e Senhores Deputados; -----

Senhora e Senhores Presidentes de Junta; -----

Senhoras e Senhores Vereadores; -----

Senhoras e Senhores Convidados. -----

Hoje celebramos a liberdade e a democracia. -----

Hoje, 50 anos depois do dia em que foi estabelecido o regime democrático em Portugal é, e continuará a ser imperioso, reconhecer e agradecer a todos aqueles que participaram na sua construção. As Forças Armadas, desempenharam um papel essencial na queda do regime ditatorial que estava no poder desde 1933, liderando o golpe, assegurando a transição pacífica do poder e facilitando todo o processo que instaurou o regime democrático em Portugal. -----

A nossa primeira palavra é de agradecimento aos militares de abril que temos a honra de ter aqui hoje connosco. -----

A democracia permitiu ao nosso país o reconhecimento internacional e a entrada na União Europeia e, com isto, o acesso a fundos europeus que potenciaram o seu desenvolvimento social, político e cultural. -----

O poder local ganhou mais autonomia, transparência e proximidade, contribuindo de forma decisiva para o desenvolvimento de todo o país e a significativa melhoria da vida das pessoas. -----

O poder local desempenha um papel fundamental na promoção do desenvolvimento de cada região, na participação cívica e, conseqüentemente, na consolidação da democracia em Portugal. -----

Os desafios da descentralização, como a justa atribuição de recursos financeiros, a atenção e preparação adequada das novas competências administrativas, o cuidado com potenciais agravamentos de desigualdades regionais, a inter-relação e comunicação eficiente entre os vários níveis de gestão e de governo, o incentivo na participação e envolvimento cívico na tomada de decisão, a monitorização responsável... são também o 25 de abril, hoje. -----

Eu tenho o privilégio de cada ano da minha vida seja um ano do amadurecimento da democracia em Portugal, sou uma nascida em 1974. -----

Mas, para quem não viveu este acontecimento e o Portugal de antes de 1974, o 25 de abril é também lembrar, reviver, reconhecer e evocar os jovens. Nessa madrugada foram jovens, jovens capitães que reuniram e lideraram os homens que permitiram a transição de Portugal de um regime autoritário para uma democracia. -----

50 anos de democracia consolidada podem fornecer uma falsa segurança aos jovens portugueses de que se trata de um valor inabalável. Temos o dever, enquanto políticos e cidadãos de lembrar que o não é. -----

As liberdades civis e de direitos humanos, as garantias constitucionais para a liberdade de expressão, liberdade de associação, liberdade de imprensa e o poder de cada cidadão de, através do seu voto e da sua manifestação de vontade, escolher aqueles que o representam na gestão do país, é um direito, mas não o é de forma vitalícia. -----

25 de Abril, hoje, é combater a abstenção numa abordagem complexa, mas essencial e, evocar os jovens, é focar nas suas preocupações e expetativas. -----

É priorizar as políticas de educação, de habitação, de fiscalidade, de saúde mental e de ambiente e sustentabilidade. -----

É criar oportunidades para que cá, no seu país, possam realizar os seus projetos de vida. --

25 de abril, hoje, é também revisitar o papel das mulheres no desenvolvimento da democracia em Portugal, para definir o caminho que continua a ser necessário fazer. -----

Nascer mulher em Portugal, há apenas 5 décadas atrás, era nascer amputada e, muitas vezes, nem ter a consciência disso, porque lhes era impedido o acesso à educação que possibilita esse empoderamento individual. -----

A uma mulher não era permitida abrir uma conta ou viajar sem autorização do pai ou do marido, não lhe era possível exercer a maioria das profissões e, aquelas que trabalhavam fora de casa, apenas tinham acesso a empregos mal remunerados e de baixo status. Das mulheres, a sociedade esperava que se dedicassem à casa e à família e, como qualquer subordinado, que pedisse autorização para qualquer iniciativa que ultrapassasse estes limites. Não tinham qualquer poder de decisão em relação à sua saúde reprodutiva e planeamento familiar, que era controlada pelos homens, com recurso muito limitado a métodos contraceptivos, recorrendo frequentemente à ilegalidade do aborto de forma totalmente insegura e desumana. -----

À mulher não era permitido o poder do voto. Escrutinar e decidir quem a poderia governar era poder do homem. -----

Hoje, é reconhecido o fundamental papel que as mulheres desempenharam no desenvolvimento da democracia em Portugal apesar de terem sido historicamente sub-representadas na política e nos cargos de liderança. -----

Nos últimos anos tem havido um aumento significativo da presença feminina nos órgãos de decisão e representação política, no entanto ainda há um longo caminho a percorrer na construção de políticas de género verdadeiramente justas, como salário igual para trabalho igual, repartição de tarefas domésticas e de prestação de cuidados e igual representação nas esferas do poder e de liderança. -----

As mulheres trazem perspetivas, experiências e valores únicos para a tomada de decisões políticas, que enriquece o debate democrático e contribui para representar adequadamente a diversidade da sociedade. -----

A representatividade feminina fortalece a democracia e promover uma sociedade mais inclusiva, justa e igualitária. -----

Exmas. Senhoras, Exmos. Senhores, -----

50 anos depois, Portugal é significativamente diferente e os valores de abril não podem ficar cristalizados na realidade de 1974. -----

Sem o 25 de abril não haveria acesso universal ao ensino que é o garante do princípio da igualdade de oportunidades. -----

Um País define-se pela Educação e a Educação é definidora de um País. -----

Hoje, volvidos 50 anos, constata-se um retrocesso que urge inverter e recuperar. A degradação da aprendizagem, o conflito e a instabilidade social nas escolas e a escassez de professores, constituem um cenário que gera enorme preocupação a toda a comunidade educativa e que não podem continuar a ser ignorados pelos governantes. -----

Sem o 25 de abril não haveria justiça, mas, hoje, a Justiça é talvez o problema mais sério da nossa democracia. Nunca o Poder Judicial viu a sua credibilidade tão abalada e a corrupção é o maior desencanto dos portugueses. Portugal tem sido classificado, segundo o índice da Transparência Internacional, como um dos Países da União Europeia com maior perceção de corrupção. -----

Hoje, 50 anos depois, o combate à corrupção tem que ser uma prioridade com uma agenda ambiciosa, eficaz e consensual, que mobilize a sociedade e envolva todos os agentes políticos num propósito que é crucial e nacional. -----

Sem o 25 de abril também não haveria o Serviço Nacional de Saúde que permitiu o acesso à saúde a todos, minimizado as injustiças sociais. -----

E hoje? -----

O diagnóstico do estado da saúde documentado por fontes sérias e idóneas é considerado preocupante, confirmando-se aquela que é, há muito, a perceção das pessoas. -----

Existe uma injustiça evidente no acesso aos cuidados de saúde em Portugal, com desigualdades crescentes entre pobres e ricos, entre o litoral e o interior, entre zonas urbanas, suburbanas e rurais. Os tempos clinicamente recomendados para consultas e cirurgias são frequentemente ultrapassados em vários hospitais do Serviço Nacional de Saúde. -----

No final de 2023, o ano que terminou, 1,7 milhões de portugueses não tinham Médico de Família e o Enfermeiro de Família nem sequer é uma realidade. A degradação consecutiva das condições de trabalho e o desprezo institucional pelas carreiras de todos os profissionais de saúde tiveram consequências desastrosas na organização e gestão dos serviços de saúde, com particular gravidade para os Serviços de Urgência. É preciso um SNS forte e ao serviço de todos os portugueses. -----

Hoje é dia de celebrar e evocar, mas, minhas senhoras e meus senhores, é também dia de refletir. -----

Não haveria 25 de abril de 1974 com tudo aquilo que representa se não houvesse o 25 de novembro de 1975 também reconhecido como o Dia da Reafirmação da Revolução. -----

Em novembro de 1975, houve um confronto entre os setores e militares mais moderados da Revolução dos Cravos e os setores e militares mais radicais; e ocorreu o golpe militar que evitou uma viragem do país para um regime comunista. -----

As tentativas de radicalização da revolução foram derrotadas e consolidou-se a democracia representativa em Portugal e o 25 de novembro simboliza a vitória das forças democráticas moderadas sobre as forças radicais, permitindo a estabilização do país. -----

O 25 de Novembro permitiu que tenhamos o 25 de Abril para festejar hoje. -----

Impediu que o perdêssemos, e o 25 de abril que, hoje, mais que nunca, deve significar a afirmação da tolerância de ouvir visões discordantes, de cultivar o direito de exprimir opiniões diferentes, de não amordaçar a voz daqueles de quem discordamos e governar no equilíbrio responsável e moderado, respeitando o espaço, que haverá sempre, no pensamento político, para o conservadorismo, tal como o liberalismo e o reacionarismo, mas sem o descontrolo de radicalismos que comprimam à esquerda ou à direita. -----

É tempo de governar para os portugueses, na afirmação do valor do humanismo e no foco da melhoria da vida das pessoas. -----

Estimados viseenses, hoje é dia de refletir! -----

A melhor forma de dignificar abril é adotando a atitude de coragem e inconformismo tal como os que o fizeram o 25 de abril de 74, mas com a ambição de querer que maio, junho, julho... todos os meses e dias do ano, sejam de prosperidade e qualidade de vida para todos os portugueses, vivida em liberdade e responsabilidade. -----

Que seja um dia de Liberdade -----

e que seja muito feliz para todos. -----

Muito obrigada. -----

----- MESA – O SENHOR PRESIDENTE DA MESA: Obrigado Senhora Deputada. -----

Íamos de seguida ter uma conferência subordinada ao tema “Meio Século de Encruzilhadas”, por parte de uma personalidade ilustre, um distinto militar, um “capitão de abril”.

O Senhor Tenente-General António Luís Ferreira do Amaral, nasceu em Cativelos, concelho de Gouveia, tendo concluído o curso geral e complementar no Liceu Nacional de Viseu.

Concluiu o Curso de Infantaria da Academia Militar em 1966.

Foi mobilizado, de imediato, para uma comissão de serviço na então província ultramarina de Moçambique, a que se seguiu nova comissão em Moçambique no posto de capitão.

Terminada a comissão foi colocado no RI 14, tendo participado ativamente na preparação e desencadeamento da Revolução de Abril.

Promovido a Major foi o primeiro Diretor do Curso da Escola de Sargentos do Exército, nas Caldas da Rainha.

Aceitou um convite para servir na Guarda Fiscal em que permaneceu até ser promovido a Coronel.

Comandou a Escola de Sargentos do Exército.

Após frequência do Curso Superior de Comando e Direção, foi colocado em Santa Margarida para exercer funções de 2º Comandante do Campo Militar.

Promovido a Major-General foram-lhe atribuídas funções na Inspeção-Geral do Exército.

Nomeado para comandar a Brigada Ligeira de Intervenção, com Quartel-General em Coimbra.

Sob a sua liderança esta Grande Unidade destacou para os teatros de operações da Bósnia-Herzegovina, Kosovo e Timor-Leste, seis forças de escalão Batalhão em “missões de apoio à paz” que ajudaram a prestigiar o Exército e Povo Português.

Foi promovido a Tenente-General para comandar a Região Militar do Norte e de seguida foi escolhido para comandar as Forças Terrestres.

A última tarefa da sua vida ativa, cumpriu-a na função de Presidente da Autoridade Nacional Contra os Fogos Florestais.

Este conjunto de atividades sustentaram 21 Louvores, 5 referências elogiosas.

Das diversas condecorações que legitimamente pode ostentar ao peito, refiro as Altas Entidades que as formalizaram:

Por Sua Excelência o Senhor Presidente da República:

- Grã-Cruz da Ordem de Mérito

- Grã-Cruz da Medalha de Mérito Militar

- Grande-Oficial da Medalha da Ordem Militar de Avis

- Grande-Oficial da Ordem da Liberdade

Pelo Senhor Ministro da Defesa Nacional:

- Medalha de Prata de Serviços Distintos com Palma (Por ações em Campanha em Moçambique).

Pelo General Chefe do Estado-Maior do Exército:

- duas Medalhas de Ouro e três Medalhas de Prata de Serviços Distintos, entre outras.

Na situação de reformado teve uma função exclusivamente política – aceitou ser mandatário distrital para a candidatura presidencial do Professor Sampaio da Nóvoa.

Como devem compreender é difícil resumir um percurso de um militar tão distinto, de um militar que atingiu o posto de mais alta patente de oficial general no ativo e, por isso, as minhas desculpas também ao Senhor General por algum lapso.

Dava a palavra ao nosso Conferencista a quem agradeço toda a disponibilidade por estar aqui connosco.

Por isso, tem a palavra o Senhor Tenente-General António Luís Ferreira do Amaral. -----
----- **QUATRO – O EXCELENTÍSSIMO SENHOR TENENTE GENERAL ANTÓNIO LUÍS FERREIRA DO AMARAL:** Bom dia a todos. -----
Senhor Presidente da Assembleia Municipal de Viseu, Dr. Mota Faria; -----
Senhor Presidente da Câmara Municipal de Viseu, Dr. Fernando Ruas; -----
Agradeço a ambos o convite para proferir algumas palavras neste evento, que farei, sem esquecer os camaradas que participaram na Revolução do 25 de Abril. -----
Senhoras e Senhores Vereadores; -----
Senhoras e Senhores Deputados Municipais; -----
-Senhores Presidentes de Juntas de Freguesia; -----
-Senhor Comandante do RI14, Coronel Falcão Escorrega; -----
-Digníssimas autoridades judiciais, religiosas, militares, civis, culturais e escolares; -----
Minhas Senhoras e meus Senhores. -----
É uma honra e um privilégio poder partilhar, com as autarcas que já usaram da palavra, a imagem do 25 de Abril que leva 50 anos, e se renova todos os anos nestas comemorações. Não reduzirei às causas e efeitos um acontecimento de que fui militante, participante e sereno observador das diversas tarefas. Por isso, peço que considerem como sendo de índole pessoal as apreciações que expressarei. -----
A via profissional que escolhi, quando era pré-adulto, e a guerra em Angola já tinha dois anos, ameaçando propagar-se à Guiné e a Moçambique, foi uma opção consciente e refletida. Tinha concluído o Ensino Liceal aqui no Liceu Nacional de Viseu em momento em que os horizontes se restringiam e os nossos sonhos, de quem os tinha, se limitavam ao quotidiano. -----
Comemorei, em outubro passado, seis décadas desta via que escolhi, sentindo a crescer o meu orgulho de ser militar, não por ter tido uma vocação precoce, mas por uma adesão voluntária e responsável a valores éticos e morais que enformam a Instituição e cuja prática nem sempre é bem entendida pela comunidade que tem a honra de servir. -----
Eu tinha sido o único da minha turma da Instrução Primária a prosseguir pela via liceal, graças à vontade dos meus pais de ignorarem os sacrifícios a que seriam obrigados. Esclareço que éramos 26 rapazes e 5 raparigas que após o exame da 4ª Classe se foram espalhando pelas diversas ocupações que havia na aldeia. Era uma existência de” apagada e vil tristeza”, como dizia Camões, e que se tornara rotineira, sobretudo para as meninas que, penso, já estariam em maioria, mas não na escola que quase lhes estava vedada. -----
O marasmo instalara-se em todas e qualquer das vertentes sociais. Na Educação, o ensino primário tornara-se obrigatório, mas demorara vários anos a cumprir-se, e o secundário estaria reservado a quem tinha capacidade material ou a conseguia multiplicando os sacrifícios que o suor alimentava. E, o ensino superior, simbolizado nas icónicas “Capas Negras”, propagandeava-se usando o veículo duma recente atividade lúdica que era o futebol. -----
A Segurança Social era desconhecida. Havia uns resquícios de previdência social na Cruz Vermelha e na Cáritas, que dava o leite em pó e o queijo enegrecido que repugnava só de ver. Invocava-se muitas vezes a Divina Providência, cujos titulares eram todos os habitantes. -----
Na saúde, sobravam carências e dificuldades nos poucos hospitais, com acessibilidade limitada e sujeita à apresentação dos respetivos atestados. -----
As comunicações terrestres eram garantidas por uma rede rodoviária degradada a dificultar a mobilidade e uma rede ferroviária a remontar aos tempos em que a Revolução Industrial começara a produzir efeitos no nosso país. -----
Foi neste cenário, sumariamente descrito, que eu atravessei os portões da Academia Militar, na Amadora, para frequentar o curso de Infantaria. Ainda fiz uma experiência no Instituto Superior Técnico, onde uma polícia criada há pouco, vigiava, com atenção, a

Associação de Estudantes. -----
O meu percurso letivo foi encurtado pela redução das férias, e a mobilização ocorreu de imediato. Após um tirocínio breve, cerca de duzentos Alferes marcharam para África. E tal, repetir-se-ia no ano seguinte, constituindo este conjunto de jovens Oficiais a base donde saíam os que haveriam de ser chamados “Os Capitães de Abril”. -----
A guerra deflagrara em Angola, com violência inaudita e laivos de primitivismo, em 1961, alargando-se à Guiné e a Moçambique, ainda durante a minha frequência do curso na Academia. -----
A mobilização precoce, logo após a conclusão «académica», era um sinal evidente que a duração do conflito extravasara as perspetivas dos Estados-Maiores, pelo que havia de garantir algum saber de experiência feito aos futuros combatentes.-----
A esse respeito dizia Camões que: -----
“A disciplina militar prestante -----
Não se aprende, Senhor, na fantasia-----
Lendo, estudando e meditando -----
Se não vendo, lutando e pelejando”. -----
A observação e a prática da guerra de guerrilha, cujos princípios formais tinham sido definidos por Mao-Tsé-Tung, e se ia revelando capaz de subjugar os maiores exércitos do Mundo, não deixaria de ter forte impacto nas mentes ingénuas que passava a confrontar. -
A realidade real fora-se aos poucos sobrepondo a conceitos académicos que, contudo, não perderiam a sua validade escolar. Mas, percorrer as savanas e as bolanhas africanas contradizia a percepção curricular, pelo que a aprendizagem teve o efeito de despertar as consciências para um futuro insustentável e indesejado. -----
A guerra convivia intimamente com todas as famílias, tudo contribuindo para a manter viva e persistente nos espíritos. -----
O próprio Poder também decidia nessa conformidade, como foi o caso da contestação estudantil em que, assumindo a reafirmação duma utópica autoridade, determinou a incorporação de algumas centenas de estudantes no cumprimento do serviço militar. Como se diz na gíria, era meter, ingenuamente, a raposa no galinheiro. -----
Entretanto, cerca de duas centenas de capitães, daqueles que tinham a experiência de guerra, repartindo as latas de sardinha e de atum com os soldados que comandavam, juntaram-se em Alcáçovas, finda a segunda comissão e à espera de uma terceira, por terem sido desafiados com uma legislação desajustada, canhestra e provocadora. -----
E isso contribuiu para unir ainda mais os que comungavam ideias, intenções e propósitos que estavam dispostos a concretizar. -----
Nem todos os Regimentos estavam do lado da Revolução, designadamente os que não tinham capitães, que não era, por exemplo, o caso de Viseu onde estávamos quatro e do mesmo curso da Academia Militar. -----
A adesão, não sendo total, foi esmagadora. -----
Diversos atentados ao poder tinham-se verificado ao longo da vigência do Estado Novo, mas, desta vez, o regime viu-se perante uma revolução planeada e determinada em concretizar o objetivo que, desde a reunião de Óbidos, por coincidência no Dia da Restauração, bailava nas mentes dos que assistiram e de muitos outros. -----
Passado meio século, continuo absolutamente convencido de que se não houvesse guerra, não tinha havido o 25 de Abril. -----
Aliás, a guerra influenciou das mais diversas formas toda a vida nacional. Foi na guerra que milhares de combatentes conseguiram juntar os 20 ou 30 mil escudos para pagarem a taxa aos passadores que haviam de os transportar, a salto, para França. Daqui enviavam para as famílias as remessas de dinheiro que as alimentava e ajudavam também a compor as contas nacionais para que fosse possível sustentar o esforço nacional na própria guerra. Também, por isso, o meu mais profundo respeito pelos mais de 10.000 camaradas cujos nomes estão perpetuados no Memorial aos Mortos da Guerra do Ultramar junto à Torre

de Belém. -----
Parafrazeando Churchill eles são “os melhores de todos nós”, porque deram a própria vida por uma causa que lhes era comum, mesmo podendo não ser a sua. -----
Abraço os familiares num sincero sentimento de solidariedade e respeito, de companheirismo e de inestimável apreço. E por ter tido uma confirmação recente, deixo aqui um abraço solidário ao Dr. Fernando Ruas, pelo sentimento de perda que ainda poderá sentir. -----
Recordarei, com lamento, que o SNI (Serviço Nacional de Informação) tinha por hábito divulgar periodicamente o número de mortos na guerra, com a ênfase de que eram inferiores aos que resultavam dos acidentes rodoviários. Era uma comparação sem sentido e atentatória da dignidade dos que doaram a vida pela Pátria, dos seus familiares e mesmo da própria Nação. -----
É claro que também merecem uma referência particular os deficientes das Forças Armadas em resultado dos ferimentos sofridos pela sua participação na guerra. O sofrimento deles e dos familiares é algo que ainda vai perdurar pela vida fora. -----
O tempo foi correndo devagar nesse dia que hoje celebramos, em que a ansiedade redobrava ao contemplar os rostos dos bebés, que eram os nossos, a dormirem no berço. Ainda demorou a escutar o primeiro alerta às 23 horas, na voz de Paulo de Carvalho, “E Depois do Adeus”, sinal de que deveríamos estar prontos, por tudo estar a decorrer conforme o planeado. E à meia-noite e um quarto, nós, os cinco capitães, dentro do carro do Capitão Gertrudes da Silva, aguardávamos, em frente ao edifício da Emissora Nacional, a transmissão da “GRÂNDOLA VILA MORENA” para entrarmos no quartel e prepararmos os meios materiais e humanos para a reduzida coluna de viaturas poder iniciar a marcha em direção a Lisboa. -----
A música vinha servindo, para despertar os ouvintes, na iminência do desencadeamento de operações militares, sendo, na altura, a mais próxima e passada a do desembarque da Normandia, em que a BBC difundira a 5ª sinfonia de Beethoven para alertar a resistência francesa de que deveria entrar em prontidão máxima. -----
Depois de acordados os militares, e lhes ter sido dito o que estava em preparação, não houve um único, dos cerca de trezentos que prestavam serviço no RI14, que não manifestasse vontade de integrar a coluna que marcharia para Lisboa, o que obviamente não era possível, pois restavam duas viaturas de transportes gerais, uma ambulância e o carro particular do Capitão Gertrudes da Silva, que haveria de servir de Posto de Comando. E, a propósito, para não cometer uma falha imperdoável, devo recordar os Capitães Gertrudes da Silva e Arnaldo Costeira que já não estão entre nós, mas foram eles que conduziram o Agrupamento November para Lisboa com as citadas duas viaturas pesadas e a ambulância, que, por acaso, não tinham recolhido ao estacionamento, onde cerca de duas dezenas tinham sido consumidas, há menos de um mês, por um violento incêndio. Por já não estarem entre nós, aqui lhes presto uma sentida homenagem, garantindo que as suas memórias serão sempre recordadas com respeito e admiração. -----
Ainda hoje há quem chame àquela nossa canção, “GRÂNDOLA VILA MORENA”, o Hino da Revolução. Não o sendo, apesar da simpática alusão, rodeiam-na algumas curiosidades. À partida, os cuidados que mereceu a sua difusão pelas ondas hertzianas, porque não terá sido por acaso que o encargo recaiu na Rádio Renascença, a Emissora Católica Portuguesa. Depois, foi escolhida por ser uma das chamadas músicas de intervenção que, por mais incrível que possa parecer, a sua letra não ter merecido qualquer reparo da comissão de censura. -----
A Revolução vitoriosa apresentou ao país um programa que se consubstanciava nos conhecidos três Dês: DESCOLONIZAR, DEMOCRATIZAR e DESENVOLVER. -----
A descolonização, ocorrida com o fim da guerra colonial, concluiu-se com rapidez e duma forma de que não nos podemos orgulhar. Aliás, de forma mais ou menos idêntica, o mesmo já sucedera com outros países bem mais poderosos que o nosso. O período

marcadamente descolonizador tinha coincidido, quase de imediato, com o fim da Segunda Guerra Mundial, e de que foram exceções a França e Portugal que tiveram de enfrentar a via armada, acabando por ter de se submeter à vontade dos colonizados. -----

Na génese do caso português não podem ser ignorados os cinco séculos de colonização com actos, resoluções e intervenções que, também, não nos podem envaidecer. -----

Esta temática colonização/descolonização assenta nos Descobrimientos que foram, com toda a certeza, o maior feito da História portuguesa, merecendo, os mais de cinco séculos que abrangeu, ser tratados com a toda a coerência e honestidade. Apesar das perversidades, das desigualdades e dos desajustamentos, que sabemos terem acontecido por estas terras “em que o sol nascia e não se punha”, é grato constatar que ficou preservado o património incomensurável da língua portuguesa, que é a quinta mais falada no mundo. -----

Eu sou uma testemunha presencial no antes e no depois, não me atrevendo a dizer que tive esse privilégio, por não me ser possível distinguir entre a guerra e as tensões provocadas pelo seu fim, qual o melhor período em que participei, sendo, contudo, qualquer deles, bastante mau. -----

A DEMOCRACIA começou a despontar em 16 de março de 1974, mas foi aprisionada, sem justa causa, desconhecendo-se a verdadeira razão da extemporânea saída dos mais de vinte Capitães do Quartel das Caldas da Rainha. -----

Até então, o regime proporcionara eu não digo logo os 50 anos, eu vou aos primórdios da nacionalidade, porque tendo havido curtos espaços de tempo em que o absolutismo parecia ter hibernado, não se verificou, tendo ele ressurgido sempre com renovado vigor e autoritarismo. -----

O novo e atual sistema político, em meio século, mostrou-se capaz de resistir às diversas e escondidas ameaças, ataques e vilipêndios e “aos novos e fraudulentos gostos que se ataçam” como também dizia o épico. -----

Por isso, não é despidendo afirmar que a Democracia é uma conquista sem remissão, resistente e resiliente. -----

E quanto ao DESENVOLVIMENTO, o terceiro D, já tenho idade suficiente para o poder analisar com comparações baseadas na realidade, mas não o vou fazer para não cometer nenhum atentado à paciência de quem me escuta. -----

Se me permitem procurarei relacioná-lo com o Poder Local, que é um dos mais genuínos produtos da Revolução do 25 de Abril. Durante quase nove séculos, Portugal enfrentou dezenas de revoltas e perdeu por seis décadas a independência. -----

Esta Revolução de 25 de Abril poderá ter sido a única com efeitos palpáveis na alteração das Lideranças e com consequências objectivas nas vidas das pessoas, em especial das mulheres, que agora sim, já viveram 50 anos a usufruírem da cidadania de pleno direito, igual à dos homens. Realço que elas são um pouco mais de metade da nossa população, que saíram duma longa escuridão de séculos, enclausuradas pela sociedade, quando não pela própria família. Como na encruzilhada, sem sinais, escolheram a via única possível. E isso significa que, tal como a Democracia, a igualdade de género também é um avanço sem remissão. -----

Voltando ao Poder Local, que hoje se reúne, neste fórum, para celebrar o cinquentenário duma Revolução que também determinou um novo e melhor enquadramento, a inserir-se num “velho Mundo”, sempre renovado e respeitado no concerto das Nações e que agora se chama UNIAO EUROPEIA. -----

O Poder Local é herdeiro das tradições autárquicas que remontam aos tempos da monarquia, mas com tarefas que não têm correlação com esses tempos artesanais. Então, as Câmaras Municipais e as Juntas de Freguesia emanavam do poder central, limitando-se a registar nascimentos, casamentos e óbitos, a passar licenças para os cães e para os burros, a aferir os pesos e as medidas, a fiscalizar as obras que ia autorizando, a passar atestados de pobreza que davam acesso aos hospitais. -----

Hoje, o Poder Local tornou-se uma realidade pujante e autónoma, com representantes eleitos no tempo devido, e escrutinados a todo o momento por munícipes interventivos, próximos e bem informados, com capacidade plena para confirmarem ou infirmarem as escolhas que vão fazendo. -----

Meio século passado, podemos concluir que foram várias as encruzilhadas que se depararam aos implicados e diversas as vias que se abriram, só havendo um caminho certo a seguir e foi esse o único que foi trilhado. -----

Termino expressando, a todos os eleitos, votos dos maiores êxitos pessoais, profissionais e políticos, ciente dos benefícios que podem advir para todos nós. A todos os que me escutaram, agradeço a atenção que me dispensaram. -----

Muito obrigado. Muita saúde e muitas felicidades para todos. -----

----- MESA – O SENHOR PRESIDENTE DA MESA: obrigado. vai usar da palavra o Presidente da Câmara Dr. Ruas. -----

----- CINCO – O SENHOR PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE VISEU:

Muito bom dia. Antes de iniciar a minha intervenção permitam-me antes dos cumprimentos que faça três referências prévias. Uma primeira de agradecimento ao Senhor General pela solidariedade de me ter lembrado também que me faleceu um irmão no ultramar, na guerra do ultramar. Desculpem lá a emoção. Perdoem-me esta emoção. --- Queria depois fazer mais duas referências. Uma primeira de facto, alegria que sinto sempre quando venho a esta sala, a este centro de liberdade, centro de cultura, mas que tivemos a possibilidade de devolver aos viseenses há 25 anos. -----

E, queria fazer por último também uma nota que tem a ver com aquilo que não devia acontecer em liberdade, exatamente o crime que soubemos hoje, perpetrado durante a noite, seguramente por inimigos da liberdade na escultura do Dr. Sá Carneiro, seguramente um dos vultos da democracia e que não merecia de facto que alguém se lembrasse por a calada da noite fazer esta agressão. -----

E agora sim: -----

Eu gostaria de cumprimentar o Senhor Presidente da Assembleia Municipal; -----

um cumprimento especialíssimo ao Senhor Tenente General António Luís Ferreira do Amaral, nosso orador convidado; -----

também aos Senhores Deputados da Assembleia da República; -----

ao Excelentíssimo Senhor Vice-Presidente e Vereadores; -----

à Mesa da Assembleia; -----

ao Senhores Deputados da Assembleia Municipal; -----

aos Senhores Presidentes de Junta; -----

ao Senhor Vigário Geral; -----

ao Senhor Comandante ao Regimento de Infantaria 14 e na sua pessoa todas as entidades militares; -----

às Autoridades Cívicas, Militares e Religiosas; -----

e naturalmente aos Viseenses, aos caros Viseenses. -----

Celebramos hoje, os 50 anos da revolução de abril de 1974. -----

Celebramos com a dignidade que a Democracia nos permite e com a Liberdade que a mesma reforçou na sociedade Portuguesa. -----

É para mim, sempre reconfortante falar de abril e do Abril de 1974. -----

Foi ela que permitiu e que deu azo a um desenvolvimento assente no Poder Local. Bem sei que já me ouviram dizer isto por várias vezes, mas não me canso de enaltecer o papel do Poder Local em muitas das zonas do território Português. -----

Há zonas do território Português, que os únicos investimentos que tiveram, foram os resultantes do esforço e da ação das autarquias de proximidade. -----

Arrisco-me mesmo a dizer, que a par da Liberdade, o Poder Local Democrático, foi uma das maiores conquistas de abril.-----

Um Poder Local que tive a honra de representar ao mais alto nível através da Associação

Nacional de Municípios, de que fui Presidente, reivindicando os valores de abril, da Liberdade de decisão, da capacidade de fazer mais e melhor pelos nossos territórios. Caro Presidente da Assembleia Municipal,-----
Minhas Senhoras e Meus Senhores-----
Continuamos a viver hoje momentos conturbados no Mundo, que têm repercussões diretas na nossa estabilidade.-----
A interminável Guerra no Leste Europeu, e o recente conflito no Médio Oriente criaram uma crise humanitária que afeta a estabilidade Global. -----
A nível interno temos um novo modelo governativo que, esperamos, que venha a trazer um novo ciclo de investimentos para o Interior do País, nomeadamente para esta Região sempre tão esquecida. -----
Conhecem-me bem e sabem que reivindicarei, com mais energia ainda, aquelas que são as necessidades deste território.-----
O Estado Central, que é a outra face da moeda que é o Estado Democrático, tem de fazer os investimentos da sua responsabilidade.-----
Nós faremos aquilo que é da nossa responsabilidade. Não queremos que ninguém faça por nós aquilo que nos compete. Queremos sim, que o Estado Central faça também nesta Região aquilo que lhe compete. -----
Caro Presidente da Assembleia Municipal, -----
Minhas Senhoras e Meus Senhores, -----
Mais do que nunca devemos evocar o dia da liberdade, neste seu 50.º aniversário, recordando todos os Homens e Mulheres que lutaram para alterar o Regime, antes e depois da Revolução de Abril. -----
Recordar os cinco capitães do Regimento de Infantaria de Viseu que estiveram envolvidos nas operações militares:-----
E, naturalmente eu direi com todo o gosto os seus nomes: -----
Gertrudes da Silva; -----
Arnaldo Costeira; -----
Aprígio Ramalho; -----
António Ferreira do Amaral; -----
Amândio Augusto.-----
Como por várias vezes já me ouviram, penso que conheci a revolução de muito perto, porque estive também muito perto da decisão da revolução de abril de 1974. -----
Fui Alferes Miliciano na Escola Prática de Cavalaria até escassos meses antes da Revolução. -----
Nesse período que antecedeu a revolução conheci os seus protagonistas principais, pelo menos os que estavam na Escola Prática de Cavalaria, desde Salgueiro Maia, já falecido, mas ao atual General Mansilha Assunção que como é sabido, foi também um dos oficiais intervenientes na deslocação de Santarém para Lisboa. -----
Nesse período conheci as angústias, os receios e as motivações de cada um desses protagonistas. Um dia, quem sabe, talvez também possa escrever, algo sobre essas vivências. -----
Caro Presidente da Assembleia Municipal, -----
Minhas Senhoras e Meus Senhores, -----
Passados 50 anos do 25 de abril é hora de enaltecermos os seus valores, se perguntarmos por exemplo, como estamos sobre a vivacidade e a sua manutenção. -----
Não podemos assistir por isso impávidos e serenos ao crescimento de movimentos antidemocráticos. -----
Não podemos deixar que diariamente se ataquem os valores da democracia. -----
Não podemos deixar que se criem climas de suspeição constante, sem que separe o trigo do joio. -----
Mas, também não poderemos aceitar que proliferem políticos que vivem constantemente



de promessas sem resultados visíveis de qualquer trabalho efetuado. -----
A Saúde e a vitalidade da nossa democracia depende naturalmente de cada um de nós. ---
Caro Presidente da Assembleia Municipal, -----
Minhas Senhoras e Meus Senhores, -----
Temos em mãos aquele que é o maior desafio de sempre. Continuarmos a trabalhar para
que este concelho seja o melhor concelho para se viver em Portugal. -----
Continuarmos a desenvolver este concelho nos mais variados vetores do seu
desenvolvimento. -----
Puxarmos todos os dias pelo orgulho Viseense, daqueles que sentem e amam realmente
Viseu. -----
Haverá sempre alguns que nos jogos políticos internos tentam desdenhar do trabalho que
os Viseenses diariamente fazem. -----
Mas, mesmo esses, estou perfeitamente convencido que, fora de Viseu enaltecem esta
Terra, este Concelho de Viseu. -----
Nestes 50 de Democracia, couberam-me por razões que conhecem, mais de metade do
exercício das funções autárquicas. -----
Como tantas vezes digo: -----
Tenho a honra de fazer, aquilo que outros provavelmente poderiam ter feito bem melhor,
mas de facto não o fizeram. -----
Posso garantir, que faremos como até aqui, colocando rigor na Gestão e procurando dotar
o concelho de infraestruturas e de equipamentos que permitam o usufruto de todos. -----
Continuando a imprimir um desenvolvimento harmonioso, um desenvolvimento que seja
equilibrado, sustentável e territorialmente coeso.-----
Fazendo bem, ou tentando fazer bem aquelas que são as nossas atribuições. -----
Tendo especial atenção ao cuidado do espaço público. Mantendo o concelho e a cidade
limpa, iluminada, com condições de mobilidade para todos e dotada de espaços públicos
que possam ser fruídos por todos os seus habitantes. -----
Queremos, como já disse e reforço, a continuidade de ser a melhor cidade em Portugal
para se viver.-----
É com esse propósito que todos os dias nos empenhamos. -----
Bem-haja a Todos. -----
----- MESA – A SENHORA PRIMEIRA SECRETÁRIA DA MESA: segue-se a
intervenção do Senhor Presidente da Mesa da Assembleia Dr. Mota Fria. -----
----- SEIS – O SENHOR PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE VISEU: ----
Senhor Presidente da Câmara; -----
Senhores “Capitães de Abril”; -----
Digníssima Mesa; -----
Senhor Vice-Presidente e Senhores Vereadores; -----
Senhores Deputados Municipais; -----
Senhores Presidentes de Junta e membros dos Órgãos de Freguesia; -----
Senhora Juiz Presidente; -----
Senhor Vigário Geral da Diocese; -----
Senhores Comandantes do RI 14, PSP, GNR e Diretor do CAS Viseu; -----
Um cumprimento porque me esqueci e peço desculpa, ao Centro Democrático Social, PP
que está aqui representado; -----
Autoridades Cíveis e de Segurança; -----
Caros Convidados; -----
Minhas Senhoras e Meus Senhores. -----
Abril, todos sabemos, é um ideal, -----
de liberdade, -----
de igualdade, -----
de fraternidade, -----



de solidariedade -----
e, de paz. -----
Mas também, de esperança num futuro melhor. -----
O 25 de Abril é do Povo Português, -----
Abril não tem donos. -----
Ninguém tem o direito de usurpar, e muito menos por motivos ideológicos, uma data que simboliza o que de melhor a nossa Sociedade pode ter - a Liberdade. -----
Com o 25 de Abril e devido ao mesmo, a Sociedade Portuguesa mudou para melhor na democracia política, na saúde, na educação, na economia, no social, e na cultura. -----
O 25 de Abril foi um agente acelerador das transformações da vida portuguesa, na revolução das mentalidades e na abertura às rádios e televisões privadas. -----
Com o 25 de Abril terminaram os municípios corporativos e a falta de autenticidade das autarquias. -----
O Poder Local Democrático, uma das principais conquistas de Abril, consagrou a autonomia e a democracia municipal, e foi decisivo para o desenvolvimento da nossa Região e para a melhoria da qualidade de vida das populações. -----
Para este balanço altamente favorável houve momentos decisivos na construção da democracia pluralista e representativa vigente em Portugal.: -----
as primeiras eleições livres em 25 de abril de 1975; -----
a aprovação da Constituição em 2 de abril de 1976; -----
e o 25 de novembro de 1975, uma data libertadora, que não deve ser esquecida. Como refere o Prof. Jorge Miranda e passo a citar, «(...) o 25 de novembro significa a consagração definitiva da ideia duma democracia pluralista (...) e (...) significa também o regresso à normalidade e à tranquilidade na vida social e na vida cívica do País (...)», fim de citação. -----
Minhas Senhoras e Meus Senhores, -----
Comemorar 50 anos do 25 de abril e, em breve, os 50 anos das primeiras eleições livres e da Constituição são marcos inquestionáveis da solidez, da força da democracia e das instituições portuguesas. -----
Mas, não devemos nunca esquecer como era Portugal antes de 25 de Abril de 1974, os portugueses que lutaram contra a ditadura, os militares que fizeram a Revolução dos Cravos. -----
Devemos ter memória, recordar sempre, mas sem receio de um regresso ao passado, aos tempos cinzentos de censura, de um regresso do medo, da polícia política, das prisões políticas, de ausência de direitos individuais e sindicais, da proibição dos partidos políticos, e de uma vida cultural vigiada. -----
Mas, como diz o poeta: -----
Agora que já floriu -----
a esperança na nossa terra -----
as portas que Abril abriu -----
nunca mais ninguém as cerra. -----
Em abril de 2024, a democracia e as liberdades fundamentais não estão em causa e, por isso, não são compreensíveis certos movimentos de protesto, certa agitação político-partidária, tentativas de instalar desordem institucional, tentativas de censuram, a ideia de proibir outros de pensarem diferente, e pior, de terem opinião e de a divulgarem. -----
Como se uma suposta elite política pudesse na sua “superior sabedoria moral e política” definir como deve evoluir ou não a Sociedade, quais são os princípios e os valores fundamentais, quais as opiniões correctas ou incorrectas, quem tem ou não sensibilidade

social, quem é democrata e quem não é, no fundo um pensamento único do qual se arvoram ativamente polícias e juízes do mesmo. -----
Esquecendo-se que a democracia é o regime de todos, incluindo dos antidemocratas. -----
Esquecendo-se que a democracia se defende com força democrática, com base nos direitos e liberdades da própria democracia e sempre, com a utilização de métodos legítimos. -----
A cegueira ideológica, os radicalismos de direita ou de esquerda, são contraproducentes, mas devem ser respeitados com tolerância democrática, quando exercidos nos limites legais. -----
Minhas Senhoras e Meus Senhores, -----
Ninguém, mas mesmo ninguém, deve ter medo do confronto, da discussão livre, do conflito democrático, de expressar as suas ideias e opiniões, com receio de ser mais tarde, vilmente atacado, rotulado e adjetivado. -----
Estas situações não são compreensíveis e, por esse motivo, devem ser denunciadas e combatidas e, a melhor forma é exercermos o nosso direito à diferença de opinião. -----
As temáticas em causa são várias e, por isso, vou abordar uma questão política sensível, com repercussões no nosso futuro coletivo - a imigração, que não deve tornar-se uma arma de arremesso político-partidário ou uma bandeira ideológica. -----
A definição de políticas públicas neste caso, pela sua sensibilidade e complexidade, aconselha Bom Senso, a maior consenso político possível, e ter sempre em consideração o Bem Comum. -----
A imigração é essencial em muitos setores da economia e da Sociedade, e por isso, as políticas de imigração dizem respeito a todos os Portugueses. -----
É inquestionável que devemos receber bem os imigrantes, com hospitalidade, humanidade e respeito pela dignidade humana, com uma verdadeira integração. -----
Mas será que podemos receber todos os que nos procuram, com respeito da dignidade humana e com o mínimo de condições de vida? -----
É óbvio que é muito difícil e os relatos frequentes de alojamentos miseráveis e sobrelotados, de situações de sem abrigo, de exploração do trabalho, de centenas de milhares que aguardam o título de residência, demonstram. -----
E, ao não conseguir a legalização de todos, o acompanhamento estamos a incentivar a clandestinidade, o abuso desses trabalhadores, sobretudo dos ilegais. -----
E, se falta a regulação e a legalização como vamos punir os criminosos, os exploradores de mão-de-obra que se escondem atrás dessa imigração. -----
A informação e a discussão sobre este tema não devem ser enviesadas. -----
Ninguém defende a proibição da imigração, que seria um sinal de desumanidade, de egoísmo, de radicalismo, de falta de solidariedade universal, um desrespeito pelos emigrantes portugueses e uma completa aberração política num País com uma emigração ativa, que inclusive tem vindo a aumentar. -----
Mas deve-se discutir e refletir sobre a política de imigração que melhor se adapta à situação específica do nosso País e da Sociedade Portuguesa. -----
António Vitorino e passo a citar defende que «a migração seja regular, ordeira e segura». Entende que (...) «é preciso combinar as capacidades e as potencialidades dos migrantes com as necessidades dos países de acolhimento», ou, António Barreto e passo a citar (...) «o que fará a qualidade da sociedade portuguesa não é o número de imigrantes que o País receberá. Mas sim, o conforto, o respeito e a dignidade com que souber acolher os que cá viverem. E a fraternidade com que saibamos receber alguns por reconhecer o desespero e o sofrimento nos seus países de origem». -----

Com estas citações de duas personalidades de referência, procuro chamar a atenção que a política dita de “porta aberta” não é a única ou a mais correta ou a mais generosa. -----
Minhas Senhoras e Meus Senhores, -----
Em Abril de 2024, comemoramos 50 anos da democratização portuguesa. -----
A democracia política está garantida em Portugal, mas como é natural, é sempre possível e desejável melhorar a qualidade da nossa democracia – com a reforma do sistema eleitoral, com a criação de círculos uninominais, fortalecendo os direitos da oposição, estimulando a democracia participativa com recurso a referendos e a iniciativas populares. -----
Mas, se houver dúvidas, a democracia poderá ser fortalecida, se a Sociedade Civil for mais exigente e os cidadãos mais participativos, ativos e escrutinadores do poder político. -----
E, se as instituições funcionarem; -----
se a classe política for competente e séria; -----
se houver autoridade democrática; -----
se não forem negados os direitos do cidadão e a honradez do serviço público; -----
se as políticas públicas resolverem os problemas dos cidadãos; -----
se a prestação de contas for entendida como uma atividade pública nobre. -----
Caros Concidadãos, -----
Minhas Senhoras e Meus Senhores, -----
Em Abril de 2024, garantida a democracia política, o desafio deve ser assegurar a democracia social, económica e cultural. -----
E nestas áreas muito já foi feito, mas muito há a fazer. -----
O País mudou imenso – o nível de vida melhorou os portugueses vivem melhor, com maior esperança de vida, com mais acesso à cultura, ao desporto e ao lazer. O Estado Social desenvolveu-se. -----
Mas paradoxalmente, as desigualdades persistem, a pobreza manteve-se, as pessoas em situação de sem-abrigo perduram, a emigração continua, os problemas da Justiça mantêm-se, a perceção e as acusações de corrupção aumentaram, os serviços públicos degradaram-se. -----
E, mais preocupante, houve um contraste evidente entre os anteriores discursos políticos dos responsáveis governamentais, incluindo o mais Alto Magistrado da Nação de extrema confiança e esperança no futuro, com contas certas, excedentes orçamentais, avultados fundos europeus e grandes projetos em curso. Os problemas eram sempre do conhecimento dos responsáveis, e estavam sempre em vias de resolução ou com soluções em estudo. -----
Ao contrário, no dia-a-dia, os portugueses sentiam dificuldades nos serviços públicos, perturbações no acesso aos cuidados de saúde, problemas na educação, crise na habitação, a par de acusações de corrupção, nepotismo e favoritismo familiar e partidário. -----
Mas, independente dos problemas com que se deparavam no dia-a-dia, de desilusão e frustração com o rumo do País, os portugueses nas últimas eleições legislativas deram sinais muito importantes que acreditam na democracia e apoiam as liberdades conquistadas em Abril, como é evidente, a participação significativa nas eleições, a diminuição da abstenção e o elevado sentido cívico demonstram. -----
Caros Concidadãos -----
Minhas Senhoras e Meus Senhores -----
Em Abril de 2024 persistem problemas que já deviam estar resolvidos ou no mínimo atenuados, e outros que se agravaram de uma forma dramática nos últimos anos. -----
E temos todos que nos interrogar? -----
Porque será que não foi possível passados 50 anos de Abril: -----

– Diminuir as desigualdades, combater a pobreza e erradicar a situação de pessoas “sem abrigo” e haver uma melhor distribuição da riqueza para combater o empobrecimento dos Portugueses. -----

Porque será que não foi possível: -----

– Melhorar as graves condições no acesso à habitação, incluindo nas residências de estudantes. -----

– Dotar a Justiça dos recursos necessários ao cumprimento da sua missão e exigir eficiência e celeridade, sendo que é a Justiça que defende a liberdade e a democracia.

Porque será que não foi possível: -----

– Melhorar o acesso e a eficiência dos serviços públicos. -----

– Investir e resolver a degradação que hoje sentimos no Serviço Nacional de Saúde. -----

– Criar as condições que permitam aos jovens ter respostas no País, sem necessidade de emigrarem. -----

Passados 50 anos de abril, será que não é mesmo possível? -----

– Dignificar o Estado, prestigiar as Instituições, dar primazia a uma cultura de legalidade.

– Assumir o combate sem tréguas à corrupção como um verdadeiro desígnio nacional. -----

-- Acabar com a promiscuidade entre a política e os negócios. -----

– Implementar uma política de imigração assente nos princípios da regulação, da legalização e de integração do cidadão imigrante. -----

– Efetuar as Reformas Estruturais necessárias e sucessivamente adiadas – Reforma do Estado e da Administração Pública, a reforma do Sistema Eleitoral, da Justiça, entre outras. -----

Mas, fundamentalmente o País precisa e precisará sempre, de governações competentes, sérias, com sentido de Estado, sem informalidades, sem nepotismo e favoritismo familiar ou partidário, cuja prioridade seja o Interesse Nacional e o Bem Comum, com autoridade democrática e sensíveis às verdadeiras dificuldades e problemas dos Portugueses. -----

O enunciado anteriormente não podem ser sonhos ou utopias de Abril, mas o cumprimento dos ideais de Abril. -----

Minhas Senhoras e Meus Senhores -----

Se cumprirmos a democracia, no seu sentido lato, resolvendo os problemas, sem enganos e inverdades, com competência, prestando contas e valorizando a liberdade, então estamos a consolidar Abril e a fortalecer a democracia e, com autoridade democrática dando resposta, e aqui é que está, reposta, a quem utiliza o descontentamento para fins político-partidários e para desacreditar a própria democracia. -----

Como refere António Barreto, e passo a citar «não basta ser democrata para defender a democracia. Mas, também não chega ser provocador para a derrotar». -----

Minhas Senhoras e Meus Senhores -----

Reivindicamos hoje, como reivindicámos no passado os investimentos estruturantes que necessitamos nos domínios da rodovia, da ferrovia, da saúde, da educação e da cultura, que são responsabilidade conforme aqui disse e muito bem o Senhor Presidente da Câmara, são responsabilidade da Administração Central. -----

Nunca devemos desistir de lutar pelo nosso direito ao desenvolvimento. -----

Independentemente do Governo, do Primeiro-Ministro, do Partido ou Partidos que suportam o Governo. -----

Primeiro Viseu, sempre. -----

Exigimos políticas amigas da coesão territorial, uma verdadeira política de solidariedade nacional. -----

Não desistimos! -----

O nosso compromisso, de todos, é de Abril é com Viseu e os Viseenses. -----

Acreditamos também no nosso futuro coletivo. -----



Queremos um Concelho com igualdade de oportunidades, em que os cidadãos todos se sintam felizes. -----

Cumprir Abril -----

Ter orgulho em ser de Viseu. -----

Viva o 25 de Abril. -----

Viva Viseu. -----

Viva Portugal. -----

----- **MESA – A SENHORA PRIMEIRA SECRETÁRIA DA MESA:** Como vem sendo hábito esta Sessão termina com o nosso Hino Nacional, e eu convidava o Senhor Presidente da Câmara, o Senhor Tenente General Ferreira do Amaral, o Senhor Comandante do RIV e os Representantes dos Partidos com assento na Assembleia. Convidada também o Senhor Tenente Coronel Amândio Augusto. -----

Seguiu-se o Hino Nacional. -----

O Senhor Presidente da Mesa da Assembleia Municipal de Viseu deu por encerrada a Sessão quando eram 12 horas e 57 minutos e do que nela foi dito lavrou-se a presente Ata, que vai ser assinada por mim, _____ Primeira Secretária da Mesa

da Assembleia Municipal de Viseu e pelo Senhor Presidente da Mesa da Assembleia Municipal, nos termos do número três do artigo quinquagésimo oitavo do Regimento em vigor. -----

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL

(José Manuel Henriques Mota Faria)

